



REPÚBLICA
e LAICIDADE
associação cívica

JOSE FALCÃO

CARTILHA

DO

POVO

PARTI I

PARA A GENTE DO CAMPO

Edição popular promovida pelos estudantes
republicanos de Coimbra

TYPE. MINERVA

Villa Nova de Famalicão

1896

**Encontro de João Portugal
com José Povinho**

João Portugal

Adeus, José, andas sempre tão triste?
Quando nós eramos rapazes, gostavas
mais de cantigas do que de tristezas.
Andei dez annos por essas terras de
Portugal sem te ver, mas dez annos não
são dez seculos. Estás muito mudado.

José Povinho

Em dez annos dá o mundo muita
volta; e se eu ando triste é porque
tenho razões para isso.

João Portugal

Dar-se-ha caso que te fugisse a
noiva, e que andes aqui pelos montes
para espairecer a paixão?

José Povinho

Não, amigo João, nunca pensei em me casar. Desde que morreu meu pae, e vejo a minha pobre mãe andar doí-dinha por esses montes, que nem co-nhece o filho, parece que nem tenho amor à terra em que nasci.

João Portugal

Não sabia que tinhas passado por tanto desgosto, meu velho amigo; mas um homem não deve succumbir. Quando a gente encontra o lar deserto, olha para a sua Patria, já que não pode olhar para a sua familia.

José Povinho

A Patria é para os ricos, e para os que mandam. O que me vale é a minha enxada, e uns torrões que me deixou meu tio. Assim a minha santa mãe tornasse a ter uso da razão.

João Portugal

Lembra-te que és filho do Povo, e

vê se escutas uma grande voz, que já se ouve ao longe, e que nos promete dias mais felizes. Um homem não deve amor só à sua familia.

José Povinho

Então a quem mais deve o Povo o seu amor?

João Portugal

A' sua Patria.

José Povinho

A' sua Patria?

João Portugal

Sim; porque a nossa Patria é composta dos nossos paes, das nossas mulheres, dos nossos filhos, dos nossos parentes e amigos. Ella contém a casa em que nascemos, o cemiterio onde os nossos avós descansam dos grandes trabalhos d'esta vida. A nossa Patria é formada de pedaços de terra, regados com o suor do Povo,

d'onde o nosso braço trabalhador tira o sustento da sua misera existencia.

José Povinho

Qual é então o primeiro dever do Povo?

João Portugal

Dar a vida pela Patria; guardal-a dos maus de dentro, e defendel-a dos inimigos de fóra.

José Povinho

Então todos tem obrigação de servir o seu paiz com as armas na mão? Porque é que os filhos dos ricos não vão para soldado? Elles, que gosam os bens d'este mundo, deviam ser os primeiros a ir á guerra, e eu vejo que elles ficam nas suas casas a gozar o descanso, a riqueza, os carinhos de suas mães; em quanto que os filhos do Povo lá tem de marchar e a casa fica sem aquelle braço robusto, que ajudava a ganhar o pão da pobre mãe e dos irmãos ainda pequenos. A lei não é egual para todos. Visto que o pobre sustenta o rico com o seu

trabalho, ao menos devia o rico ficar de guarda com as armas na mão.

João Portugal

Ah! É esta uma das grandes desgraças do Povo. Nós vamos e elles ficam. As nossas mães também ficam, mas com o coração partido, e um dor d'alma de ver ir o pobre filho, o desamparado, que talvez nunca mais vejam! Ah! malditos sejam aquelles, que vem pelas nossas aldeias livrar os filhos dos ricos, para toda a condemnação cair nos filhos dos pobres!

José Povinho

Então quem são esses malditos que andam pelas aldeias e pelos casas, prometendo livramento a uns e condemnacão a outros, como se fossem deuses omnipotentes? Quem são esses perversos, com um poder tão grande, que levam o sangue dos filhos e trazem as lagrimas às mães?

João Portugal

Esses maus só tem um poder devido á nossa ignorancia; mas eu sou

Povo, e hei de ir prégar aos filhos do Povo o Evangelho do seu livramento. Escuta-me, e vae dizer pelos povoados, pelas leiras, pelas romarias, as palavras de salvação que vaes ouvir. A' noite nos serões de inverno junto á lareira, no outono, pelas ciras e pelos campos, por toda a parte onde encontrares o trabalhador teu irmão, conta-lhe o que te vou dizer, leva-lhe as palavras que o hão-de tirar da servidão d'aquelles que o exploram.

O homem precisa de uma casa para viver. Só os brutos vivem pelas cavernas. Pois para viveres na tua casa tens de pagar decima ao Estado. Queres cultivar a tua horta? Has de pagar decima da tua horta. Queres temperar o teu caldo? Tens de pagar o sal pelo dobro do seu valor, porque o governo lança um grande tributo sobre o sal. O azeite, o vinagre, o vinho, o bacalhau, o café, o assucar, o milho, finalmente todos os teus alimentos são pagos por ti no dobro do seu valor, porque o estado cobra direitos sobre tudo o que te serve d'ali-

mento. O algodão das tuas camisas, a saragoça das tuas calças, o panno da tua jaqueta, o chapéu com que te cobres, o couro das tuas botas, o ferro da tua enxada, os botões do teu colete, finalmente até o phosphoro com que accendes a tua candeia, é comprado pelo dobro do seu valor, porque o Estado precisa de dinheiro, de muito dinheiro... Pobre innocente! pensavas que pagavas só uma decima, e pagas uma duzia d'ellas! Queres baptisar o teu filho, pagas; queres casar a tua filha, pagas; queres enterrar os teus velhos paes, pagas; julgavas que tinhas a pagar só uma decima, ora vê como te enganas. Um teu mau visinho quer roubar-te na extrema do teu quintal, has de pagar á justiça para não seres roubado, e dá-te por feliz, se, além de ficares roubado não tiveres de pagar as custas do processo. Queres comprar um pedaço de terra para juntar á tua horta,—pagas ciza, pagas sello, pagas registo, pagas a escriptura. Queres o teu caminho conhecido, tens de dar o serviço braçal,

Talvez ainda não saibas que lançaram também agora um tributo sobre os cães ?

José Povinho

Então quem ha de guardar as nossas eiras e os nossos casaes ? Um bom cão de guarda é o melhor terrolho que pôde ter o lavrador. O cão é o amigo do pobre. Por esse andar nêo o misero cego, que pede esmola pelas portas, está livre de tributos. Louvado Deus, que até os mendigos vão pagar decima à realeza.

João Portugal

Sabes quem lucra, José ? São os ladrões. Em não havendo cão a guardar a porta, até as camisas nos roubam da arca. Agora é que o Povo pôde dizer: Preso por ter cão, e preso por não ter cão. Começas agora a perceber o que te leva o Estado ?

Esta é a conta do teu dinheiro. Agora vamos á conta das tuas lagrimas e do teu sangue. Prepara-te para me ouvires, e segura o coração no peito.

—Todo o portuguez tem obrigação de ir algum tempo servir a Patria com as armas na mão. A nossa lei, que é feita pelos ricos, obriga todos os annos metade dos mancebos de 21 annos de idade a irem sentar praça; a outra metade fica livre, e manda a lei que a sorte decida quaes hão de ir, e quaes hão de ficar; mas a lei não se cumpre; a lei é uma mentira; os que mandam rasgam-na em seu proveito, e só a applicam ao pobre, quando ella é contra o pobre.

José Povinho

Explica-me então como se passam as coisas.

João Portugal

Imagina uma freguezia onde ficam apurados n'um anno 50 mancebos capazes de servir com as armas; o Estado precisa de 20 para o exercito, que são tirados á sorte; os outros 30 ficam livres em nome da lei. Pensas por ventura que aquelles 20 vão ser soldados ?

José Povinho

De certo, pois elles foram apurados como bons para o serviço! Eu, por minha desgraça, já fui soldado.

João Portugal

Illusão. Engano. D'aquelles 20 só vae algum filho do pobre, como tu foste; os outros são declarados livres pela Junta de revisão. Alli os são e escoreitos consideram-se aleijados, e ficam livres; aos sádios descobrem-lhes molestias imaginarias, e ficam livres; aos bem conformados declaram-nos rachiticos, e ficam livres; finalmente, aquelles que deviam cumprir a lei calcam-na aos pés; mas como são precisos 20 recrutas, lá vão buscar-os aos 30, que a sorte e a lei isentaram. Com estes repete-se a mesma indigna commedia; e de 50 mancebos capazes de servir nas armas só se apuram 10 desgraçados, filhos do pobre, e que por lei estavam livres quasi todos.

José Povinho

Mas sendo apurados só 10, vem a

faltar outros 10 para o exercito. Como se dá remedio a esta falta?

João Portugal

A esta falta não se dá remedio nenhum. O nosso exercito está reduzido a metade da sua força, e a reserva ainda a menos de metade. O anno passado havia 40 mil recrutas em vida.

José Povinho

E se amanhã houver uma guerra, onde estão os soldados para defender a Patria?

João Portugal

O governo da monarchia não defende a Patria, é feito para defender o monarcha. Os monarchicos não defendem o Povo, defendem o rei. Os que defendem a Patria, e os que defendem o Povo chamam-se republicanos. Mas voltemos ao nosso assumpto, e logo fallaremos da Republica.

José Povinho

E' da Republica que eu queria que

me lalasses; mas dize-me primeiro: se o Povo paga tantos tributos ao Estado, deve o Estado fazer grandes serviços ao Povo.

João Portugal

Enganas-te. O Estado só dá ao Povo tres coisas:—a cadeia, o quartel e o hospital.

José Povinho

Mas é preciso haver cadeia para os criminosos.

João Portugal

De certo; mas os ricos e os que mandam só prendem os criminosos, quando são pobres. Os ricos nunca vão à cadeia; só se for algum amigo do Povo, algum defensor da Republica.

José Povinho

Os quartéis também são precisos. Pois onde se haviam recolher os soldados, quando vão servir a Patria?

João Portugal

Já te disse que os nossos filhos não pegam em armas para ir defender a Patria, porque eram poucos para isso. Os nossos filhos vão para obrigar o Povo a pagar ao rei, à rainha, aos principes, aos ministros, e a milhares de comedores. Mais logo te contarei por miúdo toda esta comedela, e todo este roubo. Ai! a nossa desgraça, e a nossa miseria é sermos tão enganados pelos malvados mandões, que nos vem tirar os filhos de casa, dar-lhes armas, polvora e bala, para nos obri-garem à força a pagar tantas decimas, se as não quizermos pagar ao bem. Os malvados fazem dos nossos filhos os nossos verdugos. E tudo para viverem à nossa custa uma vida regalada.

José Povinho

Já vejo que o unico beneficio que nos fazem é levar-nos para o hospital.

João Portugal

E' verdade; mas triste de quem lá

morre, que lhe vão retalhar o corpo no theatro anatomico. Os medicos estudam as suas sciencias no corpo dos cães vadios, e no cadaver dos que morrem no hospital. O pobre em vida é um escravo, em morto é um cão sem dono.

José Povinho

Se todos podessemos ser eguaes; se o mesmo trabalho desse a todos o mesmo ganho; se todos podessemos ter as mesmas horas de descanso, depois das mesmas horas de fadiga, então é que o povo seria feliz! Dize-me? como é que o Povo sendo composto de tanta gente é governado e roubado pelos mandões, que são tão poucos em comparação?

João Portugal

Para te não estar a moer muito com historias do passado, vou contar-te as manhas, os enganos e os crimes de que elles se servem para continuarem a governar e a viver à custa da Nação. D'aqui a pouco ha eleições para de-

putados. Os deputados, depois de eleitos, sustentam ou derrubam os ministros; os ministros só teem o poder quando os deputados os apoiam, e quando o rei os deixa ter o poder na mão. Para os deputados approvarem os actos do governo ha um meio muito simples: é escolher para deputados homens sem consciencia, dispostos a approvar todas as patfarias que forem rendosas para os ministros e para o rei.

José Povinho

Mas como é que o governo encontra tantos deputados, sem honra nem vergonha, para lhe approvarem os seus escandalos?

João Portugal

Como? comprando-os.

José Povinho

Mas os deputados são escolhidos entre pessoas graúdas: juizes, lentes da Universidade e das Escolas, que

occupam grandes logares, engenheiros, grandes capitalistas, homens ricos, advogados de fama, officiaes do exercito, emfim tudo gente importante.

João Portugal

Pois todos esses figureões se vendem ao governo. O juiz quer uma comarca mais rendosa. O lente quer passar em Lisboa vida regalada, e abandona a sua cadeira; se as côrtes estão abertas, porque estão abertas, e em se fechando as côrtes ficam por lá em commissões, onde nada se faz e vão comendo o ordenado sem trabalhar. Os empregados vão dar o voto a favor do ministerio, para em paga receberem empregos ainda melhores. Os engenheiros querem todos ser directores de obras publicas, e apanhar as grandes pastas das secretarias em Lisboa. Os grandes capitalistas vendem-se ao governo, para terem os contractos dos caminhos de ferro, construcção de navios, e grandes negociatas em que fazem boa comedela, e tudo á custa da nação. Os homens

ricos, e que não precisam vender-se por um emprego, vendem-se por um titulo de visconde, ou querem vir a ser pares do reino, para serem uns reisonhos na sua terra, e despacharem para bons empregos os filhos, os parentes, os amigos e os sabujos, que lhes fazem a côrte.

José Povinho

Mas os deputados são eleitos pelo Povo: em se escolhendo homens honrados, e que se não vendam, já o caso muda de figura.

João Portugal

De certo; mas tu não tens visto como as coisas se passam? As eleições estão proximas; repara, e verás que vem os figureões da cidade pedir o nosso voto. Todos os que t'o vierem pedir são homens vendidos, ou que se querem vender. Uns são do conselho de districto: homens vendidos. Outros são da commissão districtal: homens vendidos. Outros são escrivães: ho-

mens vendidos. Outros são medicos da junta da revisão: homens vendidos. Outros são, foram, ou querem ser deputados: vendidos. Outros são pares do reino: homens vendidos. Outros são empregados subalternos: são homens obrigados pela fome. Todo este bando ha de vir prometter empregos aos ricos das nossas aldeias, e hão de vir prometter o livramento de recrutas, e ameaçar outros de lhes levarem os filhos para soldado. O Povo a todos devia repellir com nojo; mas aos ultimos, aos que vem traficar com o sangue dos nossos filhos; aos que vem tentar o nosso coração de pae com promessas infames, quando illusorias, e que seriam altamente criminosas, quando cumpridas, a esses é preciso que o Povo os escorraçe, e lhes diga com palavras de cohera e nojo "para traz, infames, para traz com as vossas promessas criminosas. Que reis livrar o meu filho de soldado? Mas se a lei o manda ir defender a Patria, tu és um criminoso que queres rasgar a lei que a todos obriga;

és um traidor que queres deixar a Patria sem defensores. Commettes um crime contra a lei, commettes um crime contra a terra que te viu nascer. Para traz, indigno parricida! Mas dize, vil galopim eleitoral, quanto te pagam para commetteres taes crimes? Tu és auctoridade, e vens ameaçar-me com as tuas vinganças, se eu não votar a tua lista; mas então és uma auctoridade merecedora das galés e da grilheita, que abusa do poder e da situação que te deu a lei, para vires aqui romper e atemorisar aquelles que tinham obrigação de defender. Tu és camarista, e vens prometter-me uma estrada, e uma ponte para meu uso particular; mas então, se a estrada é precisa, se a ponte se deve construir, não me fazes favor com ella, porque a tua obrigação é empregares o dinheiro do Povo em beneficio do Povo. O dinheiro que tu gastas não é teu, é nosso. Se as obras não são precisas aqui, e são mais uteis aos povos visinhos, então és um vil camarista cuscussionario, que commettes a infamia

de comprar votos, não com o teu dinheiro, o que seria uma simples vilania; mas com o dinheiro do município, fazendo favores aos amigos que te dão os votos. Para traz indigno; a numerosa corte que te cerca é formada de parceiros comprados com o dinheiro dos cofres publicos. Que se arrede do meu sol toda a cafla dos exploradores.”

José Povinho

Como ha de o Povo livrar-se de tantos males? O Poder tem na mão todas as armas, todas as fortalezas, todos os que sabem, todos os ricos, o nosso dinheiro, e o que hão de ganhar os nossos filhos e os nossos netos até à ultima geração. Dizem que o rei, os ministros, os mandões, nos levam trinta mil contos por anno, e já comeram quinhentos mil contos emprestados que os nossos vindouros hão de pagar. Estamos condemnados ao trabalho e à pobreza; e é esta herança de miseria e de fadigas que havemos de legar aos nossos filhos!

Quem afastará de nós este calix de amarguras, e de escravidão!

João Portugal

Não desanimés, meu irmão. Quem arroteou estes campos? Quem edificou as aldeias e as cidades? Quem rasgou as estradas? Quem lança as pontes por cima dos rios? Quem faz a manobra a bordo do navio no alto mar? Tu julgas que o Povo é fraco? Como te enganas. F' o braço do Povo que extrai o ferro e o carvão das entra-nhas da terra. Somos nós que tecemos o panno, que fundimos o ferro, que derrubamos o carvalho na montanha, e encanamos as torrentes para a seara que nos dá o alimento. O Povo é um gigante que fez todas as maravilhas do mundo, e só descansa do seu rude trabalho, quando adormece nos cemiterios, ou quando vae buscar a morte aos campos de batalha, n'essas guerras ateadas pelos reis, em que o nosso sangue corre em ondas para matar a sede das suas ambições. Mas a nossa hora aproxima-se. Havemos

de ser livres, sem derramar o sangue dos nossos inimigos; havemos de vencel-os com armas pacíficas e innocentes. Depois da victoria havemos de ter caridade. Com os vencidos repar-tiremos os espolios da luta. Fundaremos uma sociedade em que só haja trabalhadores livres, eguaes e irmãos.

José Povinho

Bemdito seria o homem que podesse ensinar o Povo a alcançar essa ventura de que tallas.

João Portugal

Essa ventura está fechada na mão do Povo; é preciso apenas querer. Os nossos inimigos havemos de exterminal-os com balas de papel. Vem ahí as eleições. Quando as auctoridades, os ricos, os mandões vierem pedir o nosso voto, digamos todos:—o nosso voto é para a Republica. Elles então promettem tudo: livram os nossos filhos de soldado; a um promettem despachal-o para a policia; a outro

para a Camara; a outro para as obras publicas; aos mais graúdos para as alfandegas; promettem o ceu e a terra; e aos mais pobres chegam a offercer-lhes dinheiro! Os miseraveis querem comprar o Povo! Elles venderam-se aos ministros, e pensam que o Povo é da laia d'elles. Se nos compram com o dinheiro do thesouro, é o nosso dinheiro que elles roubam, para comprar as consciencias entraquecidas pela fome; se nos querem comprar com o dinheiro d'elles, é porque esperam então fazer grande negocio com o nosso voto. E' preciso cuspir-lhes na cara. O povo não se vende.

José Povinho

Tudo isso é bom de dizer. Mas se nos recusarmos elles ameaçam-nos com o administrador, com o juiz, com a cadeia, á menor falta que a gente commetta.

João Portugal

E' verdade, mas essa fúria verás

que é passageira. Em elles vendo que nos rimos das suas ameaças, veras como se rojam aos nossos pés, com afagos, com branduras, com enganos e mentiras. Se lhes dissermos que queremos a Republica, hão de dizer que os republicanos são maus, que querem enganar o Povo,—que os reis se ligam contra Portugal se nós quizermos trazer a Republica.

José Povinho

E não será isso verdade?

João Portugal

Não, meu irmão, não é verdade. Quando elles promettem, mentem. Quando ameaçam, mentem. Quando calumniam os republicanos, mentem.

José Povinho

Então os republicanos são nossos amigos?

João Portugal

Ora dize-me: Tu és meu amigo?

José Povinho

Sou.

João Portugal

Olha lá: e acreditas que eu seja teu amigo?

José Povinho

Jurava-o pelas desgraças da minha pobre mãe.

João Portugal

Então já vês que os republicanos são teus amigos e meus amigos. Os republicanos somos nós! Pois não sabes que a Republica quer dizer: governo do Povo pelo Povo? Se na Republica é o Povo que governa, os homens do Povo é que são os republicanos.

José Povinho

Eu pensava que os republicanos eram uns homens da cidade que nos vinham pedir o voto para a Republica, e que andam trajados como os outros, e queriam tirar uns dos outros, e queriam tirar uns dos outros para irem para os logares d'elles.

João Portugal

Como te enganaram, meu simplório! Então não vês que alguns hão de ser os primeiros? Esses que vem da cidade são os nossos amigos; se elles quizessem empregos, se quizessem ser deputados e ministros, faziam-se monarchicos. Basta elles serem republicanos para merecerem a nossa confiança. Elles sacrificam o seu descanso, gastam o seu dinheiro, sujeitam-se a ser mal olhados pelos mandões da monarchia, e tudo para ensinar o Povo. Se a Republica se demorar, só podem contar com a cadeia, e com o desterro. Elles são os nossos mestres, elles são os nossos amigos. Quando Jesus Christo andou a prégar pelo mundo foi para resgatar os pobres. A sua cõrte era composta de pobres mulheres, de creanças innocentes e de gente necessitada e faminta. Os ricos andavam a incitar o Povo para apedrejar o bom Jesus, que veio para libertar os pobres; mas o Povo resistiu ao conselho dos maus. Foram os juí-

zes e os pretores que condemnaram aquelle bom redemptor a morrer n'uma cruz. E' preciso que o Povo saiba distinguir os seus amigos dos seus inimigos.

José Povinho

Mas acaba de me explicar ô que nós devemos fazer para expulsar os nossos inimigos.

João Portugal

Ouve. Nós votamos todos na Republica. Quando a nossa grande voz sahir da bõca da urna, aclamando a Republica, com maior estrondo que uma bala sahindo da bõca de um canhão, verás como tremem os nossos inimigos, verás cahir os ministros das suas cadeiras, os embaixadores das suas embaixadas, e o rei começar a cambalear no seu throno.

José Povinho

Mas que vale nós vencermos aqui, se os maus vencerem nas outras terras?

João Portugal

Descança; os nossos amigos não dormem. O echo da nossa victoria há de ir além dos nossos valles, ha de passar por cima das nossas montanhas, como a voz do trovão que enche de espanto os peccadores ainda que estejam escondidos nas entranhas da terra.

José Povinho

O trovão corre nos ares, porque o levam as nuvens e o vento; mas como poderão correr os nossos amigos, do norte ao sul, do nascente ao poente, elles que são tão poucos para ensinar os nossos irmãos a vencer, como nós vencemos?

João Portugal

Os nossos amigos já são muitos, e lembra-te que elles não trabalham por dinheiro. Quem trabalha a soldo larga a ferramenta em acabando o seu dia. Quem trabalha por amor, quem anda a lutar pela justiça, não tem dia nem noite: caminha até à morte.

José Povinho

Mas ainda somos tão poucos, e os maus são tão poderosos! Dize-me: e não ha traidores entre os republicanos?

João Portugal

Ah! meu irmão, que és medroso e desconfiado. Os amigos de Jesus eram só doze, e um vendeu-o por trinta dinheiros. Os amigos do Povo já se contam por milhares. Que importa que haja algum traidor? Vae, caminha pelas aldeias e povoados, procura os trabalhadores nos campos e os mestres nas officinas, e dize-lhes que votem todos na Republica, que eu breve hei de voltar; e então pregaréi nos adros das Igrejas, farei parar as danças nos folguedos das romarias, irei ás lareiras fallar baixinho ao trabalhador cansado do seu dia, e a todos hei de contar as causas da nossa miseria, a todos hei de ensinar os caminhos da nossa redempção.

Agora, adeus, votem todos na Re-

publica, porque é preciso expulsar os maus do poder. Como ha de o Povo semear o campo para colher uma boa seara, se primeiro não arrotear a terra, não extirpar as hervas daminhas, o escalracho e o tojo, para poder enterrar fundo a relha do arado, e abrir bem o seio da terra,—a nossa mãe?! A Republica é o ferro que ha de limpar a terra da nossa Patria, que ha de preparar o terreno para sermos todos eguaes, felizes, e irmãos. Vae, e dizei todos em côro :—Viva a santa Republica.

Segundo encontro de José Povinho com João Portugal

José Povinho

Ainda bem que te encontro antes de partir.

João Portugal

Queres então mais alguma explicação?

José Povinho

Quero. Dize-me: o nosso rei é bom ou mau? Se houvesse um rei bom, não seria o povo tão miseravel.

João Portugal

Como te enganas! O rei é um homem como os outros. Todos os reis são maus para o Povo, porque são reis. Sabes porventura quanto o Povo paga para ter um rei?

José Povinho

Era esse um dos pontos que eu queria bem explicado.

João Portugal

Então escuta:

O rei ganha um conto de réis por dia.

A rainha cento e sessenta e tres mil novecentos e trinta e cinco réis por dia.

O irmão do rei quarenta e tres mil setecentos e quinze réis por dia.

O pae do rei duzentos e setenta e tres mil duzentos e vinte e cinco reis por dia.

O filho mais velho do rei cincoenta e quatro mil seiscentos e quarenta e cinco réis por dia.

Cada uma das irmãs do rei levou de dote noventa contos de réis.

O pae do rei teve de dote noventa contos.

Arainha teve de dote sessenta contos.

O filho mais velho do rei vaç casar, e a mulher d'elle ha de ter dote, e cada um dos seus filhos ha de ganhar o mesmo que hoje ganham os tios. Já vês que só a familia real custa quí-

nhentos e setenta e dois contos por anno ou um conto quinhentos sessenta e dois mil oitocentos e quarenta réis por dia! Isto é fóra os dotes.

José Povinho

Como o Povo é pobre! Um trabalhador ganha doze vintens por dia.

João Portugal

E os domingos e dias santos em que não ganha nada... E os dias de chuva... E os dias de doença. Deita a conta a tudo, e não lhe ficam duzentos réis por dia.

José Povinho

Por essa conta sustentavam-se sete mil oitocentos e quatorze trabalhadores com o dinheiro que a familia do rei custa á nação.

João Portugal

Upa, upa. Sustentavam-se trinta e um mil duzentos e cincoenta e seis. Não vês que a familia do trabalhador tem pelo menos quatro pessoas, e um só a ganhar? Na familia do rei, ainda os filhos não estão baptisados, e já ganham como se fossem homens.

José Povinho

Se o povo pensasse bem n'estas coisas nunca mais votava senão na Republica. Cada pessoa real que nasce, ou cada pessoa real que casa, são novos tributos para a nação. Quanto maior é a festa no paço, maior é a miseria do Povo.

João Portugal

E as viagens que faz o rei com a sua côrte? e as visitas que lhe fazem os reis de fóra?... Só o anno passado foram mais de dois mil contos.

José Povinho

Dois mil contos!!...

João Portugal

A conta é boa de fazer. Visita do rei de Hespanha a Lisboa—mil contos. Visita do rei e da rainha a Madrid, que levaram um comboio carregado de ministros, deputados e outros lacaio da côrte—quatrocentos contos. Viagem do principe real, que andou por todas as nações uns poucos de mezes—quatrocentos contos. Viagem do rei velho, em companhia do filho, e d'aquella come-

dante com quem elle casou—uma dorção de dinheiro de que se não sabe a conta.

José Povinho

Pelo que eu vejo, o anno passado ficou a nação a tenir com essas despesas.

João Portugal

Por isso elles agora vão pedir dezoito mil contos emprestados, fóra mais de quatro mil que ainda o outro anno tinham pedido a juro aos ingleses.

José Povinho

Então cada dia de vida que tiver a reallea, é como se fosse uma trovoadá que arrasasse as sementeiras d'uma comarca.

João Portugal

E os ingleses agora como veem que isto já pouco pode dar, porque o Povo mais dia menos dia atira com a albarda ao ar, vão lançando mão ás nossas colonias, que vae tudo pela agua abaixo.

José Povinho

E o governo consente?

João Portugal

O governo o que quer é que os inglezes vão emprestando dinheiro para o rei, para a corte, para os ministros, e para essa sucia de lacaíos comprados, que nos vem pedir os votos para o senhor fulano e para o senhor beltrano, como já te contei o outro dia.

José Povinho

Já vejo que não ha remedio para isto, em quanto houver rei; por isso viva a Republica, e juro não tornar a votar senão em republicanos. Fôra com os comedores.

João Portugal

Antes de partir sempre te quero fazer uma pergunta: não te lembras que aqui ha annos quem não queria que o filho fosse para soldado, pagava quarenta moedas e o filho ficava livre?

José Povinho

Ai! lembro, lembro, e essa lembrança

ça ha de fazer-me o coração negro até á hora da morte.

João Portugal

Sim! conta-me essa historia, que ahí anda por força grande maroteira dos nossos tyrannos.

José Povinho

A minha mãe era filha de gente pobre. Quando casou deram-lhe em dote um cordão d'ouro, com uma cruz pendente; era toda a riqueza dos paes. Quando havia doença empenhava-se o cordão em casa do prior, e durante um anno havia só meia razão de bróa, até se poder desempenhar o dote da minha mãe. Meu avô tinha dois filhos; a um deixou um olival e uma vinha, ao outro que era o meu pae, deixou-lhe a casa em que vivia e as hortas da ribeira. Aquella terra era pequena, mas parecia abençoada. Os torrões andavam alagados com o suor de meu pae, que pareciam regados com agua benta. Era um dia de lavoura, mas dava pão para meio anno, fôra as hortas

licas e o sustento dos animaes. Quando eu comecei a ganhar com a enxada, havia abundancia e alegria na nossa familia. Chegou o dia de eu ser apurado para soldado. A minha gente esperava que eu ficasse livre, porque meu pae dava sempre o voto ao administrador, com a promessa que lhe fizessem de eu ser livre em entrando nas sortes. Fui à inspecção quando fiz os 21 annos, e fiquei apurado para soldado! A minha mãe que estava à porta do governo civil, quando lhe trouxeram a noticia, cahiu, como se fosse assombrada por um raio. Trouxeram-na para casa como morta, e em 12 horas não deu signal de si. Quando voltou à vida tinha os olhos tão medonhos, que ninguém a conhecia. A pobre creaturinha estava doida! Os medicos disseram que ella não voltava ao seu juizo, se não lhe trouxessem para alli o filho. Meu pae vendeu a horta; vendeu o cordão que estava destinado ao pescoço da minha irmã no dia do seu casamento, e assim arranjaram um homem por mim. Eu vol-

tei, mas para vêr a minha mãe doida, e o meu pae pobre, cada dia mais triste, até que a morte o levou. A minha pobre mãe anda por esses montes eslarapada, e a uivar que parece uma loba. A minha irmã foi servir porque o noivo já a não quiz, e agora tem uma vida, que melhor lhe fôra andar por esses montes como a nossa mãe. Ah! malditos sejam aquelles que precisam de soldados para a guerra.

João Portugal

O dinheiro da horta de teu pae, e do cordão de tua mãe foi comido nas festas da realleza. Se tens ouvidos para ouvir os uivos da pobre louca; se tens coração para te lembrares de teu pae morto; se tens alma para sentires as saudades de tua irmã perdida, vae, chama os teus irmãos do Povo, conta-lhes as tristezas da tua vida, e juremos todos seguir a bandeira da Republica, que nos ha de livrar de todas estas maldições.

Ferreiro encontra de João Portugal e José Povinho

João Portugal

Adeus, José, tens dito aos nossos irmãos para votarem só nos republicanos?

José Povinho

Tenho: mas o Povo quer saber se a Republica é mais barata.

João Portugal

Em havendo Republica não temos de pagar à realza quinhentos e setenta e dois contos de réis por anno, fóra os extraordinarios. Não temos de pagar à gente da corte mais de cem contos de réis. Não temos de pagar cinco mil contos de réis ao exercito, que é quasi tudo comido pelos generaes e outros figuras, sem termos exercito, como te expliquei o outro dia. Em o Povo governando, com metade d'aquelle dinheiro temos um exercito

tão bom como a Republica da Suissa.

José Povinho

Mas talvez essa nação não tenha tanto a temer dos visinhos, como nós.

João Portugal

Pelo contrario. A Suissa é cercada das maiores nações do mundo, onde tem havido grandes conquistadores cubicosos. Pois fica sabendo que a Suissa com metade da gente que ha em Portugal, e com metade da despezza que nós fazemos, tem um exercito de duzentos mil soldados.

José Povinho

Mas então não fica ninguem para trabalhar nos campos.

João Portugal

Pelo contrario. Cada rapaz em chegando à idade, quer seja rico quer seja pobre, vae servir uns tantos mezes, até aprender bem o exercicio, e depois volta para sua casa. Só quando acabam as colheitas é que lá volta

quinze dias por anno, para não deixar esquecer o que aprendeu.

José Povinho

Em o Povo sabendo d'isso, não ha ninguém que não seja republicano.

João Portugal

Para tu veres como a Republica é diferente da monarchia, basta dizer-te que quando os rapazes vão assentar praça é uma romaria das aldeias para os quartéis; vão as mães e as noivas a acompanhá-los em grandes descantes, como se fosse uma festa. E' porque sabem que no fim de dois ou tres mezes estão outra vez juntos, como se nunca se tivessem separado.

José Povinho

Ai! Prouvera a Deus que Portugal fosse uma Republica como a Suissa, que não estaria a minha horta vendida, a minha mãe doida, o meu pae morto e a minha irmã... sabe Deus aonde...

João Portugal

A gente não vive só para si; deve

tambem pensar nos seus filhos e nos seus vindouros. A obrigação d'um homem é trabalhar para que os seus netos tenham melhor sorte do que a sua. Mas voltemos á nossa conversa. Em Portugal tendo a Republica não precisa de embaixadores que comem mais de cem contos de réis por anno. Essas repartições estão cheias de empregados vadios, que comem mais de mil contos de réis.

José Povinho

Então na Republica não ha de haver juizes, escrivães, governadores civis, professores, e toda essa turba de empregados, a que eu nem sei o nome?

João Portugal

De certo que ha de haver o preciso; mas metade dos que nós temos bastavam. Não vês que quasi toda essa empregadaria são os filhos dos grandes das nossas terras, que foram despachados, porque os paes d'elles venderam os votos pelas eleições? Pois porque é que os ricos das nossas

aldeias nos apoquentam noite e dia para irmos votar na lista d'elles?... E' por que querem os empregos para os filhos. Olha bem para os figuões que andam a pedir votos e veras se é verdade o que te digo.

José Povinho

Lá n'isso tens razão. Na cidade co-nheço eu um, que come elle, comem os filhos, comem os genros. Só falta que as mulheres tambem comam a custa da gente.

João Portugal

Um ladrão que sãe à estrada nunca vae só; precisa d'outros para lhe guardarem as costas; no fim divide o roubo por todos, mas o capitão da malta sempre fica com o quinhão grande. Não sei se me intendes...

José Povinho

Por isso o Povo muitas vezes não tem no bolso um pataco para brôa. Olha lá; mas em nós mandando às côrtes só deputados republicanos, que não façam o que o rei quer, o rei fe-

cha as côrtes e dá com as portas na cara do Povo.

João Portugal

E' verdade que o larã, se tiver coragem para isso. Mas o Povo sabe tambem o que ha de fazer.

José Povinho

Então que ha de a gente fazer n'esse caso?

João Portugal

N'esse caso, como as côrtes é que tem o direito de votar o dinheiro para as despesas, o Povo não paga as decimas; e em a gente não pagando, os empregados ficam a morrer de fome; os credores do Estado não recebem o juro dos seus emprestimos; dinheiro emprestado ninguem cae na asneira de o dar ao governo; até que no fim a fome ha de apertar tanta gente, que todos se hão de virar para a Republica para não morrerem á mingua. Ah! Ah! Ah! Verás como toda essa vadiagem que mandava na

gente e comia á nossa custa, se volta então para o Povo a pedir-lhe uma côdea, porque os melrinhos com as mãos macias das luvas não tem músculos nem coração para pegarem n'uma enxada ou de uma ferramenta. Acredita-me, meu José Povinho, o mundo está para vêr grandes coisas. A terra já deu um signal, que até se afundaram umas poucas de ilhas nos mares do Oriente. Não tens visto á hora da madrugada, e á hora do anoitecer, alumiar-se o ceu com uma luz vermelha como as labaredas de um forno? E' a côr da nossa bandeira, meu irmão, é um signal tambem. Das entranhas da terra e das profundezas do ceu vem estes avisos, que amedrontam o fraco, e causam terror aos maus. O Povo é forte e valente; não tem medo á luta. Adeus irmão e quando eu voltar ha de ser para cantar nas festas da nossa aldeia a victoria do Povo, e a aclamação da Republica.

Olha, uma ultima palavra, José Povinho. O Povo trabalha de sol a sol,

e fica pobre, ignorante e miseravel. Os que mandam não trabalham, e são ricos, instruidos e felizes. E' esta a lei dos Homens, mas não pode ser a lei de Deus. Dizem que Christo veio resgatar as nossas almas das penas do outro mundo; pois é preciso que o Povo trate de resgatar o corpo e o espirito das misérias d'este. Acredita-me, irmão; a força governa o mundo. A força somos nós; e os que mandam tem vivido até hoje á custa da nossa força. E' preciso que o Povo tome conta do governo da Nação, é preciso que trabalhemos pela Republica, porque a riqueza virá depois aos que trabalham, e só os vadios terão fome. Quando eu voltar te explicarei tudo isto, porque agora todo o tempo é pouco para eu andar pelas aldeias e povoados a pedir votos para a Republica.

Nota

Esta vastíssima edição do eloquente cathecismo republicano foi promovida em homenagem ao Glorioso Mestre da Democracia, José Falcão, para ser distribuída grátis ao Povo, pela seguinte commissão, em nome dos estudantes republicanos de Coimbra:

Antonio Olympio Cagigal
Arthur d'Almeida Leúão
Augusto Cymbron Borges de Souza
Carlos Fuzzetta
Diogo Marreiros Netto
Joaquim José Cerqueira da Rocha
Manuel Gonçalves Cerejeira
Manuel José Moreira de Sá Couto
Victor José de Deus.

Em 8—6—96.

Impresso na *Typ. Minerva*, de
Villa Nova de Famalicão, em junho de 1896.

Cartilha do Povo

PARTI I

PARA A GENTE DO CAMPO

*Edição popular promovida
pelos estudantes republicanos de Coimbra*

ACABOU DE SE IMPRIMIR

em 30 de junho de mil oitocentos noventa e seis

EM MACHINA Marinoni DA

Typographia Minerva

DE

Gaspar Pinto de Souza & Irmão

CAMPO DA FEIRA

Villa Nova de Famalicão